

# Antologia de escritores Contemporâneos

**Volume 07**

MAIO/2020  
1ª Edição

Copyright © 2020 by autores. O conteúdo desta obra é de responsabilidade dos autores, proprietários do Direito Autoral.

Todos os direitos reservados. Proibido a reprodução no todo ou em parte, sem autorização prévia dos autores e editora, sejam quais forem os meios empregados. A violação dos direitos do autor é crime estabelecido no Código Penal.

**Organizadora:** Dolores Flor

**Revisão:** Ireneu Bruno Jaeger / Simone de Sousa Naedzold / Antonio Cesar Gomes da Silva

**DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)**

Carla Lopes Ferreira (Bibliotecária CRB1-2960)

L632a

Leite, Dolores Flor da Cruz (Org.)

Antologia de escritores contemporâneos /  
Dolores Flor da Cruz Leite (Org.).- 1. ed. -  
Sinop, MT: Ações Literárias Editora, 2020.

104 p.; 14x21cm.

Volume VII

ISBN 978-65-990147-9-6

1. Literatura brasileira - poesia. 2. Versos. I.  
Título.

CDU 82-1

CDD B869.91

**Índices para catálogo sistemático**

Literatura brasileira: poesia 82-1

Literatura brasileira: poesia B869.91

**EDITORA AÇÕES LITERÁRIAS**  
**CAIXA POSTAL 785 – SINOP - 78.551-350**  
**FONE (66) 99643-5501**  
**[www.escritorescontemporanos.com.br](http://www.escritorescontemporanos.com.br)**

## SUMÁRIO

<b>Falando com nossa homenageada .....</b>	<b>11</b>
<b><i>Maria Fernanda</i> .....</b>	<b>11</b>
Desafio .....	18
Socorro .....	20
Propaganda do Spotify .....	21
Ternura .....	22
Me veja .....	23
Relatos de um bom namorado .....	24
Dividir .....	25
Completa .....	26
Meu .....	26
Um bilhete com Oreo .....	27
<b>Maria Clara Flor .....</b>	<b>32</b>
Vida de Corda .....	32
<b>Dolores Flor .....</b>	<b>33</b>
Pássaros livres .....	33
<b>Rosane Gallert Bet .....</b>	<b>34</b>
Ela .....	34
<b>Clodoaldo Adamczuk .....</b>	<b>35</b>
MEU EU .....	35
<b>Michelly Rodrigues Terres .....</b>	<b>36</b>
Contemplação .....	36
<b>Maria Eduarda Alves de Souza .....</b>	<b>37</b>
Implicância .....	37
<b>Mafalda Moreno .....</b>	<b>38</b>
SOLIDÃO .....	38
<b>Erivan José dos Santos .....</b>	<b>39</b>
Soneto de um kamikaze .....	39
<b>Camila Lazarotto .....</b>	<b>40</b>
AMAR .....	40
<b>Gabriel F. Moreno .....</b>	<b>41</b>

O que fazer .....	41
<b>Shirlei Alexandra da Silva .....</b>	<b>42</b>
Fique em casa, por favor! .....	42
<b>Marilene Sousa Henning.....</b>	<b>43</b>
Meu Brasil Azul e Branco .....	43
<b>Jacinaila Ferreira Sinop-MT.....</b>	<b>44</b>
Chantilly com pão de mel .....	44
MISS MARIA.....	45
<b>Willians Andrey.....</b>	<b>46</b>
Para sossegar .....	46
Alguém no bosque, de olho .....	48
<b>Jean Carlos Dacroce de Campos .....</b>	<b>49</b>
Depressão.....	49
O cadáver .....	50
<b>Dra. Marlete Dacroce .....</b>	<b>51</b>
A roda da vida .....	51
<b>Ketellyn Mundins Antônio .....</b>	<b>53</b>
Sophia e sua canção.....	53
<b>Leni Zilioto.....</b>	<b>55</b>
Conhecimento .....	55
Fórum .....	55
Outros tempos.....	56
Coragem.....	56
<b>Antonio Cesar .....</b>	<b>57</b>
Três haicais para o orvalho .....	57
Três haicais para a garça.....	58
<b>Patrícia Moraes .....</b>	<b>59</b>
Percepção .....	59
E se o mundo acabar?.....	60
<b>Vilson Roque Bocca.....</b>	<b>61</b>
O Valor do Silêncio .....	61
Rua Deserta .....	62

<b>Elaine C. S. M. Silva</b> .....	<b>63</b>
Encoronausurados .....	63
<b>Darcília Lebron</b> .....	<b>65</b>
Caterpillar .....	65
Cinzas? Não somente.....	67
<b>Bernadete Crecêncio Laurindo</b> .....	<b>68</b>
PÁSCOA DE 2020 .....	68
<b>Amanda Lima</b> .....	<b>70</b>
Humano, imortal humano .....	70
Para uma deusa doce .....	71
<b>Valter Figueira</b> .....	<b>72</b>
As quatro enxadas .....	72
<b>Janete Rosa da Fonseca</b> .....	<b>76</b>
A menina triste, sem laço de fita .....	76
<b>Simone de Sousa Naedzold</b> .....	<b>80</b>
O encantador de borboletas VII.....	80
<b>Vânia Gonçalves Castilho</b> .....	<b>83</b>
IDENTIDADE .....	83
DESILUSÃO.....	85
<b>Emily Maiara Versori Guimarães</b> .....	<b>87</b>
Os últimos dragões.....	87
<b>Ireneu Bruno Jaeger</b> .....	<b>91</b>
Anseios de uma moçoila .....	91
<b>Júlio César Marques de Aquino</b> .....	<b>95</b>
Não se agrada a todos .....	95
<b>Manoel Rodrigues Leite</b> .....	<b>99</b>
O PÁSSARO AZUL .....	99

## **Ao leitor**

A arte explica, mesmo que metaforicamente, as forças da vida, a arte ilumina o infinito, ela simplesmente faz o ser humano sentir e expressar-se numa sintonia capitada de maneira precisa quando a percebemos verdadeiramente, tal como Maria Fernanda nos presenteia por meio de seus textos neste livro.

Quando conheci Maria Fernanda, ainda menina, era uma das crianças mais sorridentes da escola que eu trabalhava, além de muito inteligente. Na época, já demonstrava que seria muito promissora em sua vida.

Hoje, percebo em sua escrita, uma pessoa empoderada, que já está fazendo a diferença positiva em nossa sociedade, pois ela não desafia apenas o medo, mas também *desafia o racismo*, afinal somos unicamente uma *Raça humana*, hein?, *Faça-me o favor!*, segregar é a pior das modas, mas, para Maria Fernanda, a moda é não deixar ecoar *pensamentos de desespero*, mas de luta, de resistência a toda e qualquer injustiça.

Sua poesia mostra ainda, sinais de atualidade, de quem está atenta à tecnologia, contudo não deixa de lado a vida, nenh*Um vírus impregna(...) seu sistema, quem olha, só vê ternura.*

Sua poesia é útil, transformadora, manifesta o que o ser humano necessita, assim tornando-se de uma imensa grandeza.

Para completar a presente obra, indicada para uma boa fruição, vem ainda recheada vozes poéticas, que complementam, de maneira autêntica, todo o lirismo da poesia contemporânea, frutos de poetas e poetisas inspirados pela vida. Boa leitura!

Antonio Cesar, em 8 de junho de 2020  
**Escritor / Professor**

## NOSSA HISTÓRIA NOSSOS ESCRITORES



### **Maria Fernanda**

Na virada do milênio nasce Maria Fernanda. A sinopense tem dezenove anos, é acadêmica do curso de Direito. Uma das razões por ter escolhido Direito é a justiça como defesa de quem vive às margens da sociedade. Ganhou concurso literário ainda no Ensino Fundamental e na mesma época foi eleita, em



reunião com representantes de todas as escolas na Câmara de Vereadores, representante de adolescentes de doze a dezessete anos da UNICEF em Sinop/MT.

Aos dezessete anos, em um concurso de beleza escolar, representou a Escola Estadual Nilza de Oliveira Pipino, onde estudou por muito tempo, sendo coroada Miss Simpatia e Miss Popularidade Sinop. Em 2018 ganhou o título de Miss Beleza Mato Grosso no qual iniciou também sua carreira como modelo e *digital influencer*.

Na sequência, em 2019, Maria participa de um concurso de beleza a nível nacional e traz para seu estado, além da faixa e magnífica coroa, o título de Miss Brasil Oficial Juvenil. No mesmo ano presta serviços como estagiária na Segunda Vara criminal do Fórum de Sinop.

Atualmente suas redes sociais, *Instagram* e *Facebook*, somam uma média de dez mil seguidores. Além dos estudos e sua carreira como modelo, ela desenvolve projetos e participa de eventos como palestrante. Seu discurso inclui sua trajetória de vida até aqui e a importância da dedicação aos estudos, pois mostra, com seu exemplo, como alcançar seus

objetivos estudando em escola pública e quais os caminhos disponíveis para ingressar em uma universidade.

Graças ao persistente gosto pela leitura e escrita, Maria começa a publicar seus textos por meio do projeto da Editora Ações Literárias e conta hoje com a terceira participação em antologias, além de certificação como escritora. A jovem modelo, miss e escritora é a homenageada da sétima edição dos Escritores Contemporâneos que, assim como ela, desbravam quaisquer limites para mostrar a importância da literatura como arte de uma palavra que ensina e humaniza em todas as áreas do conhecimento.

## Contatos

**E-mail:** ferreira.mffl@gmail.com

**Facebook:** Maria Fernanda Miss Brasil

<https://www.facebook.com/MissbelezaMT/>

**Instagram:** @mariafernandamissbrasil

<https://www.instagram.com/mariafernandamissbrasil/>

**Projeto social:** “O que eu quero ser quando crescer?” [mediakit.squidit.com.br/mariafernandamissbrasil](http://mediakit.squidit.com.br/mariafernandamissbrasil)

# Falando com nossa homenageada

*Maria Fernanda*

## **1 - AL: Como foi o seu primeiro contato com a literatura?**

*R: Maria Fernanda:* Minha família sempre me incentivou muito a ler, a partir de então minha leitura foi um reflexo de uma rotina realizada pelos meus pais, com isso em poucos anos tive muito destaque na escola, e logo fui premiada por textos escritos.

## **2 - AL: Fale-nos um pouco como surgiu seu gosto pela leitura e quando você começou a escrever.**

*R: Maria Fernanda:* Um livro que marcou muita minha infância foi *O pequeno Príncipe*, de Antoine de Saint-Exupéry. Já tinha o hábito de leitura e escrita antes dele, mas esse livro fez-me escrever de forma crítica e humanizada. Outras obras que despertaram o meu hábito de leitura foram as sagas de Harry Potter, da autora J.K. Rowling, Percy Jackson, de Rick Riordan e Feia, Constance Briscoe.

## **3 - AL: Como é o seu processo de escrita? Como você se inspira?**

*R: Maria Fernanda:* Sempre busquei mostrar na poesia assuntos que possam ser identificados na realidade de outra pessoa, representar sentimentos em palavras, pensamento crítico e denúncia. Minhas inspirações para a poesia estão contidas nas minhas próprias vivências, filmes, trabalhos e músicas. Neste livro minha maior fonte de inspiração foi o tempo que trabalhei como estagiária na Segunda Vara criminal do Fórum de Sinop, especializada em violência doméstica e estupro, as experiências e histórias que adquiri durante esse tempo foram as inspirações para essa antologia e meu objetivo nessa oportunidade única é mostrar que a minoria também deve ser vista e sentida por todos.

**4 - AL: Quantas vezes você revisa seus textos antes de sentir que eles estão prontos? Você mostra seus trabalhos para outras pessoas antes de publicá-los?**

*R: Maria Fernanda:* Costumo revisar umas dez vezes no mínimo, mas entre essas revisões gosto muito de pedir para outras pessoas lerem, desta forma,

consigo ter uma visão maior do que agrada o público e lapidar a minha escrita.

## **5 - AL: Quais Escritores influenciaram o seu processo de criação literária?**

*R: Maria Fernanda:* A literatura veio de berço, minha mãe Jacinaila Louriana Ferreira, é, sem dúvida, minha maior inspiração literária e incentivadora em minhas obras, ter uma figura de tanta personalidade tão perto é de uma honra inestimável. Dedico minha escrita a ela e também a todas as minhas professoras de linguagens que são escritoras e principalmente a professora e escritora Marli Chiarani grande responsável pelo texto que me fez adentrar na universidade.

## **6 - AL: Quais são os seus projetos literários?**

*R: Maria Fernanda:* Meus projetos literários incluem a leitura constante e continuação da escrita. Já participei de três edições da Antologia de Escritores Contemporâneos e pretendo participar das outras cinco que fazem parte deste projeto Ações Literárias.

Também pretendo em breve publicar um livro solo com minhas poesias.

## **7 - AL: Quais são seus Escritores / livros favoritos?**

*R: Maria Fernanda:* Quero homenagear nesta resposta duas escritoras negras, e enfatizar que quero falar somente de mulheres, esse livro é para nós, pois muitas das mulheres que lerão este livro não tiveram a mesma oportunidade que tive de escrever, estudar, escolher minha profissão e publicar um livro aos 19 anos. Sou uma mulher de cor negra e tenho muito orgulho. Constance Briscoe no seu livro *Feia*, retrata em sua autobiografia o que quero passar nesta obra, Constance foi a primeira mulher negra a ser Juíza. São mulheres negras que conquistando seu espaço social e vencendo o preconceito que me inspiram a escrever, estudar e ter orgulho de ser quem sou. Minha segunda grande inspiração de obra é a biografia de Madame C J Walker, mulher que aceitou sua beleza negra e tornou-se a primeira milionária por mérito próprio, e seu segredo foram produtos para cabelo afro. Essas mulheres foram as

primeiras a sentir e empoderar-se de algo que vivo hoje, estar em uma universidade de Direito e poder ver a beleza da minha cor e cabelos é devido a elas, por isso as levo como minhas favoritas aqui.

**8 - AL: Na sua profissão de modelo, o que a literatura contribui para seu desenvolvimento profissional?**

*R: Maria Fernanda:* A profissão de modelo vai além do rosto e corpo mostrado pela mídia, pois exige uma postura crítica, conhecimento, desenvoltura de palco e comunicativa, além de sensibilidade artística e empoderamento, e estas competências só podem ser adquiridas por meio da leitura e da escrita, pois está guardada nos livros e na rica memória literária.

**9 – Qual o papel da leitura e escrita na formação dos nossos jovens nos dias de hoje?**

*R: Maria Fernanda:* A leitura e escrita desempenham papel fundamental na formação, considerando que por meio da leitura que se adquire conhecimento de mundo, histórico e literário, acontece ainda a ampliação do vocabulário e domínio da língua

materna em diferentes épocas e percursos. O crescimento intelectual em quaisquer áreas do conhecimento exige a leitura constante aliada a escrita, pois o sujeito é levado a compreensão do todo e ao que denominamos de interpretação. Decodificar códigos linguísticos é apenas a etapa da alfabetização, ler exige reflexão, leitura de entrelinhas. É por meio do poder transformador e humanizador da literatura que o indivíduo é levado a ação da escrita.

**10 – Que mensagem você gostaria de passar para aquelas pessoas que ainda não entraram no mundo da literatura.**

*R: Maria Fernanda:* Gostaria de lembrá-los que a arte permeia nosso cotidiano independentemente da profissão, escrever é desenhar sentimentos, é dar asas ao imaginário. Se você não escreve, então leia, aprecie, faça parte do time de pessoas empoderadas de conhecimento e liberdade, pois a literatura é o lugar que permite além do exercício da cidadania, a livre expressão por meio da palavra.



# Textos da autora

## **Desafio**

Desafio o medo  
A dor  
O desânimo  
A falta de amor

Eu desafio o racismo  
Construído  
Incrustado  
E acerrado  
Em algemas  
De gritos  
Dores  
E penas

Eu desafio  
A cor  
Melanina da minha pele  
Que grita  
Esperneia  
Diante  
De quem pensa  
Que estou na moda!

Meu cabelo é natural  
Eu nasci assim  
Ele não é modinha  
Ele é sangue  
Vermelho

Preto  
O mesmo sangue  
Daqueles que gritavam  
Nos porões  
De um navio negreiro

Sou retinta  
Fui escrava  
E ainda escrava  
Da dor  
De ver tanta gente  
Tentando  
Ao preto fazer favor  
Um elogio sem graça  
É racismo,  
Sim sinhô!

Desafio você  
A não me acometer  
De perguntas  
Sem graça e cor  
Minha raça é negra  
Espancada,  
Ainda hoje  
Assassinada  
Pelo preconceito  
Ensolarada  
De dor

Agora somos ...  
Uma só raça?!  
Raça humana?  
Não me subestime  
Faça-me o favor!

## **Socorro**

Não eram gritos  
Então,  
Não sei o que era,  
Mas sim quem era.

Estava só.  
Com medo,  
Escondida  
Estava presa a isso  
A esse medo.

Gritava por socorro no silêncio.  
Ecoavam pensamentos de desespero.  
Presas.

Presas na imagem da pessoa  
Presas nos traumas  
Presas em si.

## **Propaganda do Spotify**

Qual o limite da vida?  
Até onde você vai por ela?  
Qual será o seu maior amor...

Seria possível amar alguém  
Mais que a própria vida?  
Sacrificar seu maior bem  
Seu maior direito, por alguém?  
Quem?

Carne da sua carne talvez,  
Mas nós sabemos que não...  
Sacrifica sua vida por outro alguém  
Limitada por ele.

Um vírus impregnado em seu sistema.  
Como a propaganda chata  
Que te impede de ouvir  
Sua música favorita no Spotify  
Incomoda, mas aqui o valor que paga  
Para se desvincular dele não é Real

Existe um apego a esse incômodo constante  
Afinal nem é tão ruim assim.  
Entregar seus dias a essa propaganda chata.  
Entregar sua vida a ela,  
Uma de cada vez.

## **Ternura**

Ele me olhava com ternura  
Carinho e muito amor  
Era observador, quieto!

Sua obsessão era óbvia  
Constante.  
Os olhares que minha beleza causa  
Machucava ele, sentia.  
Ignorava.  
Redundante, só ciúmes

Ele se estressou, gritou  
Medo.  
Foi só ciúmes, culpa minha  
Ele era meu grande amor  
Ternura.

Obcecado.  
Inconstante.  
Inconsciente.  
Só que meu grande amor.

## Me veja

Não sinto o calor da paixão  
E sim o medo de perder  
Obsessão.

De sofrer por perder você  
Solidão.  
Temos o direito de sermos dois  
Não aprendi a ser só  
Necessidade de aprovação  
Visualização  
Compensação

Não sinto o arrepio na nuca  
Que os livros descrevem  
Nem mesmo a boca seca  
E a falta de sono  
Não existe paixão,  
E sim carência  
Necessidade  
De ter alguém aqui  
Comigo.

## **Relatos de um bom namorado**

Nunca te machucaria.  
Dei flores!  
Bombom!  
Seus pais me amam!  
Você me disse que te machuquei!?  
NUNCA FARIA ISSO!?  
Desculpa, você fez isso comigo.  
A CULPA É SUA!  
Sou bom para você!  
Fotos!  
Jantares!  
Presentes!  
Eu nunca te machucaria.  
Foi você que me obrigou a isso.



## **Dividir**

Somos acostumados a ter  
Não partilhar  
Apropriar...

Não importar, dói  
Qual o limite da apropriação?  
Desvincular...

Pode fazer bem às vezes  
Não precisamos de tudo  
Às vezes não é sobre dividir  
E sim sobre assumir...

Assumir que aquilo não merece ser só seu  
E mesmo se for  
A dor da perda não compensa  
Não somos ensinados a dividir.

## Completa

Não estava aqui.  
Fiz só, sem você  
Sem cavalo branco  
Ou beijo ao despertar.  
Despertei só.  
Encontrei  
Minha única companhia ali  
Sem café na cama  
Ou promessas  
Era só  
E só isso bastava  
Para estar completa.

## Meu

Dono de todo o meu amor  
Dono do cheiro que mais amo  
Tão meu que não se faz metade de ti  
Pois tu és meu todo  
Sempre foi um todo  
E quem um dia pensou  
Em ser só metade para ti  
Não te mereceu meu corpo.

## Um bilhete com Oreo

Você é louca? Ele perguntou enquanto me olhava fixamente com um sorriso maníaco no rosto. Pensei por um tempo ao observar seus olhos heterocromáticos que analisavam cada expressão minha, enquanto isso meus pensamentos sobrevoavam contanto histórias que negavam essa loucura, mas depois de toda aquela conversa a resposta estava pronta. Queria dizer que nós dois éramos completamente loucos, mas as únicas palavras que saíram da minha boca foram:

— Não sou.

Nós dois sabíamos que era mentira, nossa loucura fora descoberta pela loucura um do outro em uma madrugada de surto. Ele me disse:

— A maioria dos depressivos, psicopatas, sociopatas e todos essas patas por aí, são como você. São pessoas comunicativas, que são felizes e se dão bem com todo mundo, mas a sociedade olha para um cara como eu e atribui tudo isso a mim, só que, ao contrário de você, eu, mesmo na minha imensidão de desespero todos os dias ajudo alguém, e você consegue sentir empatia? Consegue sentir a dor do outro?

Ele tinha razão no que falava, mesmo na minha imensidão de sentimentos e palavras nem tudo era verdadeiro. A empatia não era real para aqueles que não me afetavam, minha

falta de carinho era provada constantemente, coisas que ele jamais perdoaria e nunca seriam ditas. Éramos dois loucos em uma cama sozinhos, discutindo sobre os meus problemas supostamente solucionáveis, quando ele me disse:

— Você não é uma sociopata, pessoas assim não sentem empatia, carinho ou remorso por ninguém. Você sente isso pelos seus pais e amigos, mas às vezes não sei se sente por mim. Realmente me ama? Você pensa em nós dia e noite, arre pia ao lembrar?

Parte do meu coração ficou naquela frase e se quebrou, sabia que a resposta era não, lembrava dele, o amava, mas não era a paixão dos filmes, não dava calafrios ou um fogo que queimava de dentro para fora, nisso uma lágrima caiu e nela senti coisas que guardava há muito tempo... indo embora, acho que ele sentiu comigo esse momento e ficou em silêncio, o ódio que ele carregava nas palavras passou, e em um momento senti o homem pelo qual me apaixonei falar comigo e perguntar:

— Quer ser minha namorada?

Na mesma semana ele tinha dito que não me queria mais por perto, fazia mal a ele e seria melhor assim, estou acostumada a reprimir sentimentos, com isso só aceitei o término e ofereci ajuda para que melhorasse, mesmo sabendo não ser bem vinda, minhas lágrimas caíam e o homem que me fez estar ali me pediu como companheira, nunca imaginei um pedido de namoro como esse, não o vi em

filmes ou contos de fadas, muito menos li isso em um dos meus romances, foi um pedido verdadeiro, puro e aceitei em silêncio entrar nesse relacionamento em meio a um monte de confusão e tristeza.

Sabia que aceitar esse relacionamento era um erro, as proporções de coisas ruins eram muitas para tão pouco tempo de convivência, não confiava nele, muito menos tinha como contar o que acontecia, às vezes me desmotivava e me tratava como se não fosse capaz de fazer aquilo ou se não soubesse fazer, como se não fosse uma mulher pronta e soubesse andar com as próprias pernas.

Depois de um tempo ele dormiu, perdi o sono e quis ir para casa, morava em uma cidade vizinha e seria um caminho cansativo, minha cabeça doía, queria minha cama naquele momento e minha companhia. Sai sem avisar, deixei um bilhete e um Oreo, porque sabia que ele gostava, tinha feito a mesma coisa na noite anterior quando terminou comigo, fiquei pensando sobre as diferentes formas que ele trabalhava sua intensidade, acreditava que ele terminou para me afetar e quando viu que não foi assim, precisou me prender a ele novamente.

Sabia que era um relacionamento abusivo, e que isso não teria futuro, mesmo assim continuei nisso. Cheguei em casa de manhã, tomei um banho e parecia que tirei um peso, repensar no que aconteceu de cabeça fria só mostrou que fiz errado em aceitar esse

relacionamento, no meio disso acabei sucumbindo em um sono profundo.

Acordo com um barulho muito forte como se a porta da cozinha fosse arrombada, levei um susto e fiquei paralisada na cama, em total desespero, uma claridade entrou pela porta e senti-me sufocada, ele estava sobre mim, me matando.

Acordei num susto tremendo e percebi que só era um sonho, fiquei atordoada com isso, talvez seja uma mensagem do que me espera. Estava realmente preocupada com o que poderia acontecer, estava na hora de terminar o que comecei.



Escritores

Contemporâneos

**Maria Clara Flor**  
Sinop-MT

## **Vida de Corda**

Vida de corda não é fácil  
Com a brincadeira de pular corda  
Me canso fácil.  
Também me amarram  
Para fazer um balanço.  
Dão nó  
Me amarram em qualquer lugar  
Mas não é só isso, tem mais, muito mais.  
A noite ainda, me amarram na porteira  
E ainda dizem, que andam na corda bamba.



## **Pássaros livres**

Um pássaro livre  
A porta aberta  
Da gaiola solta  
Voa ao vento.  
A vida é livre  
A natureza é seu lar  
Não o prenda  
Seu destino é voar.  
De várias cores  
Nas flores se mistura  
Com os frutos, se alimentam  
Seus galhos e suas folhas  
São seu lar.

**Rosane Gallert Bet**  
Sinop-MT

**Ela**

Debruçada na janela

Ela olhava o sol se pôr...

Pela janela via

Os sonhos se apagando...

Haviam tantos!

Pouco a pouco

Um a cada dia

Foram sendo trocados

Pelos sonhos que não eram seus...

O ocre do fim do dia

Amarelava seu olhar...

Agora só restava

Esperar a noite chegar...

# Clodoaldo Adamczuk

Alta Floresta-MT

## MEU EU

Não sou mais aquele menino de olhos grandes e brilhantes, sempre expectadores,  
Que achava que se se pudesse traçar uma linha entre os pontos brilhantes do céu — as estrelas Poder-se-ia desenhar o rosto de Deus, como fazia nos joguinhos de almanaques e jornais.  
Sou tolo. Mas já não o sou tanto.  
E, talvez, chegue um tempo em que o não seja mais, mas, então, aquele menino terá morrido;  
Ele vaga perdido num mundo de brumas, às vezes eu o chamo, não sei como ele me olha;  
Olho-o com admiração e carinho, porque ele era melhor do que sou,  
Medroso sim, tímido também, bobinho, é claro!  
Mas era generoso e gentil e era todo candura.  
Ele não está mais aqui, é certo, mas às vezes, só às vezes, à noite por alguns instantes,  
Ele deixa o país de névoa que ergueu só para si, e, que eu ainda sustento e deixa-se ficar quieto a meu lado,  
Eu vejo seus olhos grandes e brilhantes como os meus já não são e algumas vezes sorrio.  
Ai, com os pés descalços, como no passado, como sempre ele volta a afundar e desaparece na neblina gris.

# **Michelly Rodrigues Terres**

Sinop-MT

## **Contemplação**

Seus olhos azuis contemplam o mais belo oceano, eu nunca desejei tanto me afogar...

O amor é quente, chama que arde no peito como fogo de brasa. Dizem que é um bom sentimento, mas, me recuso a senti-lo. E tudo bem, sempre fui amante do frio.

Mas, ao contemplar você, viajo... lembro-me do azul dos olhos mar!

# Maria Eduarda Alves de Souza

Sinop-MT

## **Implicância**

Vivemos em uma sociedade,  
onde seu jeito  
de ser é julgado!  
Em que seu falar é  
forçado...  
E quem recama é errado.

Os "preto" tem certa mediocridade,  
aos olhos da famosa desigualdade...  
E valores aparentes...  
Que sim, é coisa de gente estúpida,  
emocional, imoral e indiferente!

De que religião devo ser?  
Posso eu escolher?  
Ou devo seguir a opinião  
Que eles aceitam entender?

A opinião das pessoas  
É uma praça de desrespeito,  
Pois elas sempre falam coisas  
Nas quais nem pensam direito!

Levando ao desespero,  
O cidadão que se mostra ...  
Perdido, confuso e desatento.

Triste sina a de quem busca  
na opinião dos outros...  
Sua vida,  
Seu "eu"  
E acalento

**SOLIDÃO**

A solidão é traiçoeira,  
É terrível, nos maltrata,  
Meche com nossa emoção.  
É preciso estar atento,  
E, se acaso ela chegar,  
Mandá-la pra contramão.

Mas, se ela persistir,  
É buscarmos procurar  
Alguém pra nos ajudar.  
Não guardar só para si,  
Problemas tão complicados  
Que só tendem a piorar.

Antes de buscarmos recursos  
Nada melhor que um espelho  
Para nos orientar.  
A princípio nos assusta!  
Mas, logo reconheceremos.  
Remédio melhor não há.

Levantar nossa cabeça,  
Reconhecer a importância  
Da vida que Deus nos deu.  
E aos poucos vamos notar,  
Que a solidão foi embora  
Para nunca mais voltar.

Porque essa nossa trajetória  
Não é somente alegria,  
Existem transtornos também.  
Portanto, abrace a alegria.  
E viveremos felizes,  
Felizes, como ninguém.

## **Erivan José dos Santos**

Paulista - PE

### **Soneto de um kamikaze**

Eu queria ser quem sabe um kamikaze  
E no impacto de uma frase te dizer,  
Que quem traz um grande amor em sua base  
Abre mão do seu direito de viver.

Quando a toga não se faz valer a pena,  
Envenena quem de auxílio precisou,  
Nesse instante é que a espada entra em cena,  
Exterminando o resquício que ficou.

Anoitece e de longe se percebe um clarão,  
Não é festa comparada a uma quermesse  
Os folguedos que se veem no rés-do-chão.

A fumaça entre as nuvens longe vai,  
E logo após, num instante se percebe  
O piloto que se despede com um haicai.

# Camila Lazarotto

Sinop-MT

## AMAR

Amar é assim...  
Sentimento confuso,  
Sentimento ardente,  
Dia reluzente  
Junto ao sorriso  
Indiferente!  
Coração nem um pouco  
Coerente!

Vagando loucamente,  
Amar intensamente?  
Ou viver sempre carente!

40 e poucos ...  
Vale a pena se entregar  
Profundamente?  
Sentir o peito doer,  
Novamente!  
Coração acelerar,  
De repente!  
Derramar lágrimas  
Pelo pretendente!

90 e poucos...  
Chegamos,  
Ao fim da linha  
Solidude presente  
Você se encontra ausente!



**Gabriel F. Moreno**  
Campinas-SP

### **O que fazer**

O que fazer quando a dor que  
carregamos no peito  
não for mais lembrada?

Os dias fluem rumo ao vento  
e relampeiam sobre a cortina de fumaça.  
Lobos uivam ao pôr do sol  
enquanto a tempestade se inicia.

O que fazer quando a dor que  
carregamos no peito  
não for mais lembrada?

Nos perderemos  
entre breus  
ao vão do esquecimento?

Os dias fluem,  
e tão rapidamente

Ah, mas como eu sinto,  
como eu sinto tanta  
falta...

— —

# Shirlei Alexandra da Silva

Sinop-MT

## **Fique em casa, por favor!**

Os filhos pedem com amor:  
Quando tudo isso passar,  
Fique em casa, por favor!  
Pra gente continuar a brincar,  
Todos juntos almoçar,  
Sua comida gostosa saborear.  
Fique em casa, por favor!  
Pra gente poder conversar,  
Sobre política, filmes, lembranças,  
Fazer churrasco na varanda, e ali ficar  
O pai, a mãe feito crianças,  
Jogando bola com a gente até cansar.  
Fique em casa, pra gente escorregar  
Na área molhada com água e sabão,  
Pra gente poder conversar  
E dormir segurando sua mão.  
Quando tudo isso passar,  
Não esqueça da gente, não!  
De arrumar nosso cantinho,  
Separar os brinquedos juntinhos,  
Tomar tereré no final do dia,  
Comer pipoca doce, bolo de milho de latinha,  
Maratonar aquela série, grudadinhos na sua cama.  
Quando tudo isso passar,  
Não esqueça de dizer que nos ama.  
E que não vai nos trocar  
Pela correria do dia a dia.  
E que vai continuar sentindo o que sentia.  
Quando tudo isso passar,  
Iremos te pedir com amor:  
Fique em casa, por favor!

## **Marilene Sousa Henning**

Peixoto de Azevedo-MT

### **Meu Brasil Azul e Branco**

Meu Brasil,  
Terra de gente heroica, brava, gentil  
Que vai à luta por ti  
Orgulhosa de ter nascido aqui.  
Teu passado nos tornou forte  
E agiganta o nosso Amor até a morte.  
Pois és a Pátria Amada, a mãe gentil  
Que cuida de todos os filhos,  
Não esquecendo os do Norte.  
Meu Brasil não é só verde e amarelo  
Mas também é azul e branco  
Onde o azul representa o nosso céu e nossos  
rios  
E a cor branca, representa a PAZ de que tanto  
precisamos.  
Meu Brasil, Pátria Amada  
Tu és verdadeiramente um colosso  
Teu futuro espelha grandeza  
És gigante!  
Tenho orgulho de ti  
E onde quer que eu for, cantarei os teus feitos!  
Pátria minha, Pátria Amada, Mãe Gentil!  
E como disse o nosso herói Tiradentes,  
Meu Brasil, se dez vidas eu tivesse dez vidas te  
daria.  
Por isso, és adorada, entre outras mil!!!

**Jacinaila Ferreira**

Sinop-MT

### **Chantilly com pão de mel**

Ela é colorida,  
Feito vestido de festa!  
Pedaco de céu estrelado,  
Bolo bem confeitado!  
Chantilly...  
E pão de mel!

O mar,  
imensidão...  
As ondas,  
que vão...  
E vem!

Traz a poesia,  
Leva o poeta...  
E deixa a saudade  
Registrada...  
No vestido de festa,  
No pedaco de céu,  
E no chantilly com pão de mel!

## **MISS MARIA**

(Para minha filha Maria Fernanda!)

Rostinho pequeno...  
Olhos grandes e brilhantes!  
Quando sorria,  
espalhava amor e brilho...  
Brilho de diamante!  
Cabelos cheios de curvas,  
Emplumado!  
Esvoaçante...

Pra mim o rosto mais lindo!  
Dona de rara beleza,  
Eu a chamava:  
Princesa!  
Orgulho da natureza,  
Uma menina...  
A dos meus olhos!  
Pulsar da vida,  
Certeza!

Cresceu...  
Ganhou ares de moça,  
Enfim, todos concordam comigo!

A mais linda do Brasil,  
Ganhou coroa!  
E continua  
Na realeza!

Ela é a Miss Maria...  
Ainda a chamo  
De Princesa!

**Willians Andrey**  
Alta Floresta-MT

**Para sossegar**

Para sossegar a passagem  
Contemprar a paisagem  
Desprende-te do desatino  
Da mera miragem  
Tece a caminhada leve  
Penumbrando, sombra breve  
Intenção selvagem com a razão  
Passeando se vai aglutinando estações  
Nada leve  
Dos pesos e aflições  
A ti serve  
Vida e emoções  
Não te serve  
Passa rápido pelos murmúrios e lamentações  
Deu cede  
Suado  
Siga  
Mas agora fique alongado  
Criatura selvagem  
Na mata tens seus carreiros  
Sobe alto  
Esqueça as dores em seus artelhos  
Brada forte  
Não estás em cativoiro  
Rasteja ligeiro  
Mergulha profundo  
Voa alto  
Salta mesmo  
Destarte, eu não estaria vivo  
Sigo os instantes  
Ambulante e vagaroso

Divagando no nada, no tudo no oco

Ora estressado e omisso  
Por horas do enfado me esquivo  
Na dor e no delírio me assisto

Temporadas e tempestades  
Metades  
Do alto vem a lume

Do alto  
Temporã e serôdia  
Do divã vem conselho  
Nunca mais cabrestos e arreios

Destiladamente pingo  
Corto meu vinho  
Vigio  
Vestígios e respingos

Investido  
Vestido reverso  
Continua  
Anonimato

Talco branco nas assaduras  
Me vejo no espelho  
Tiro as ataduras  
Vejo meu rosto

Cicatrizes esparsas  
Nuvens escuras  
Mas vem a lume, o sol  
O vagalume do Sheol.

## **Alguém no bosque, de olho**

De longe percebi que ela estava atônita.

Ela voava.

Seus passos eram, ora ligeiros como se estivesse fugindo de algo, ora rápidos, como quem quer chegar o quanto antes em algum lugar.

O impressionante é que ela voava.

Quantos desvios e obstáculos já fizera!

Pensei.

Muitos extremamente irregulares.

Observei a fauna e a flora.

Divaguei no atmosférico e no tempo decorrido.

Faz três dias, faz cinco anos, faz duas horas...

Logo voltei.

Fitando os olhos nele, vi, na medida em que este ser perambulante se movia e ele aproximava-se muito de mim, quase que era eu no participio passado.

Não precisei perguntar nada, ele já sabia que eu sabia e também no pretérito imperfeito.

Notei paralelamente a tudo isso, que ele não parava de falar.

Eu o ouvia, mas a sua voz não saía.

Talvez ele não precisasse orar.

Sua ambulante passagem sirenava.



# Jean Carlos Dacroce de Campos

Sinop-MT

## Depressão

A cada dia morre uma pessoa  
Mesmo ainda estando viva  
Sem deixar para trás nenhum traço  
Que devido a decepção não criou nenhum laço  
Para que alguém se quer  
Pudesse notar sua partida  
E nesta solidão fria  
Se perdia toda a sua vida  
A qual foi totalmente esquecida

## **O cadáver**

Encontrado em um chão gélido  
Em um quarto esquecido  
Um corpo mitificado  
Intocado  
Todos se perguntavam no momento  
Quanto tempo havia passado  
Antes de ser realmente encontrado  
Este cadáver ainda preservado  
E qual seria o seu passado  
Seria uma pessoa sozinha  
Esquecida no seu quarto  
Esperando ser encontrado

## **A roda da vida**

A cidade  
Ainda me lembro bem  
Do verão quente  
A excursão  
Muitas pessoas na casa  
Enquanto eu descansava  
Sem imaginar  
Que ao passar pela sala  
Um cara, sem saber quem era  
Meus olhos iriam notar  
E em apenas alguns instantes  
Suficientes para me desassossegara  
Em silêncio disse a mim mesma  
Nossa!  
Que lindo!  
Com a imagem daquele homem  
No sofá  
Lembro como se fosse hoje  
De roupa esporte azul  
Digitando em seu Celular  
Seu perfil uma miragem para mim  
Ao retornar aos aposentos  
Com os olhos brilhando  
Igual estrelas cadentes  
Novamente a proximidade  
Senti o palpitar do meu coração  
Ao admirá-lo rapidamente  
Quando de uma conversação

Com amigas irmãs o encanto se desfez  
Senti um balde de água fria  
Jogado em minha direção  
Ao saber que este moreno Bombom  
Era nada mais que o namorado  
De uma amiga do coração  
Neste momento um bloqueio foi criado  
Sua imagem apagada  
Nada mais me ligava a ele  
Quatro anos se passaram  
Nem mesmo sabia seu nome e onde morava  
A vida seguiu desenhando seu curso  
Sem saber que anos depois  
O destino me colocaria em seu caminho outra vez  
Até hoje me pergunto:  
Como é possível?  
Depois de vários oi...  
No meu Facebook o silêncio ficava  
Mas ao falar de educação um diálogo foi criado  
Apesar da distância entre as cidades  
Meses depois  
Foi superada  
Nos permitimos  
Viver uma relação diferente  
Leve...  
A paz invadiu os corações  
Trilhamos o nosso caminho  
Conhecemo-nos profundamente  
Fomos muito além das aparências  
Conquistamo-nos  
Como se a algo maior dissesse  
Façam uso dos sentimentos  
Provem suas emoções  
O acaso não existe.

# Ketellyn Mundins Antônio

Sinop-MT

## Sophia e sua canção<sup>1</sup>

Perdidos por um só coração,  
Draco e Azulino em meio a tanta confusão.  
uma moça, Sophia,  
dançava em meio ao vento  
a melodia de uma canção.

Draco não aparecia durante o dia,  
e era quase sempre quando a moça saía.  
Azulino por outro lado, aparecia quando  
chovia  
e brilhava apenas quando os raios do dia  
surgiam,  
dizia que não, mas quando via Sophia....  
sorria.

Mas não era apenas no céu que ela tinha  
admiração,  
o coração de Bower por Sophia batia,  
entretanto,  
Sophia apenas queria a sua canção,  
com Bower não se importava,  
pois era Draco quem amava e admirava.

---

<sup>1</sup> Poesia criada a partir de leituras do conto, O Bom Dragão, de Santiago Vilela Marques e do filme Coração de dragão, durante as aulas de Língua Portuguesa, sob orientação da professora: Jacinaila Ferreira. Escola Estadual Professora Zeni Vieira/Sinop-MT.

A constelação no céu, por ver que seu amigo sofria por Sophia resolveu, então algumas atitudes tomar. Azulino por outro lado não parecia gostar da parceria e se algo acontecesse ele iria revidar.

Draco quebra a maior das leis da existência, ele chama Bower para uma conversa durante o dia, ele só não sabia que Azulino se revoltaria. Ao ver Bower, Azulino escureceu ofuscou o sol e o dia escureceu.

Draco desceu, então do céu e se desmanchou em torno de Bower e Sophia o notou. Mas a lei mais valiosa foi violada e uma pena por isso avaliada, a alma de Bower foi petrificada, mas ao céu foi lançada.

Se quiser vê-la saia a noite durante o verão. Azulino agora, para Sophia é como um irmão, para ela inventa uma nova canção a cada dia Ela sai à noite para admirar Draco e seu coração e para Bower ela dança uma nova melodia.

**Leni Zilioto**  
Sinop-MT

### **Conhecimento**

É química,  
a matemática das tuas palavras.  
É matemática,  
a química do teu olhar.  
Caminho, a alquimia,  
te escuto no sopro de vento  
que faz contas nos galhos da vida.  
São elementos,  
cada ponto do teu corpo.  
São diamantes,  
cada noite ao luar.  
Te sinto no aroma dos elementos  
que me invadem quando te vejo passar.  
Um perfume que mistura meu querer  
toma conta de mim  
Já não sou,  
Sou química.  
Reações ao teu me querer!

### **Fórum**

Mais uma vez,  
a diversidade,  
o debate,  
os prós,  
os contras  
e os muito pelo contrário.  
Depois de um tempo e muito debate:  
"Eu quero feijão no prato!"  
E então, companheiro?

## **Outros tempos**

Estou isolada,  
sem comunicação.  
Não tem sinal para internet,  
não vejo as ondas do mar.  
Tudo é quente,  
é forte, é seco;  
até o sol faz cara feia.  
Tenho saudade da chuva,  
tenho saudade do cheiro de terra,  
tenho vontade de chorar.  
Preciso esperar  
o boa-noite da lua cheia  
para me libertar!

## **Coragem**

O poeta, denuncia.  
A plateia, vaia.  
O jovem, grita.

Os painelistas - todos doutores -  
resmungam.  
Um homem - sensato -  
pergunta: O que queremos?

Ninguém responde!



**Antonio Cesar**  
Sinop-MT

## **Três haicais para o orvalho**

Na brilhosa forma  
desperta em cima das plantas  
a gota compacta.

Demonstra um orvalho  
sua cheia e úmida alma  
— Límpida humildade.

O dia amanhece,  
— Vapor de água retido  
numa gota de ar.

## Três haicais para a garça

Passeia na vida  
em um charco do seu mundo  
uma garça branca.

Num dia mui escuro  
vi uma garça voar  
sua cor me acordou.

Uma ave pousou  
Era a garça me espiando  
na linha da vida.

## **Percepção**

Há sempre quem vê,  
A força no olhar

E faz transparecer,  
Por onde passar

Sacrifícios em vão?  
Não se vão!

Sentimento a rolar,  
No brilho do olhar

E nos olhos conseguimos ver  
O amor que aí há.

Toda mãe mantém o brilho no olhar  
Ao ver o filho chegar

O sorriso... há o sorriso esse é de encantar!

## **E se o mundo acabar?**

Já pensou isso tudo acabar?  
Em um simples piscar do olhar?  
Tudo o que era de se valorizar  
Nem aos pés poderíamos chegar...  
Em pensar que pensamos mil vezes  
Ou mais...

Em como melhorar  
Mas é preciso lutar!  
É preciso ter fé!  
É preciso sonhar!  
Para então alcançar!

A liberdade que vem não só do mar...  
Mas do olhar... do sentir... do viver... do  
sorrir...  
E eu volto a pedir...  
Será que dá...?  
Dá pra sentir ou se quer emitir...

A tristeza no olhar  
De quem vê um ente querido chorar ao ver  
um amigo partir...  
Quem o levou?  
Foi eu! Foi você!  
Fomos nós que acreditávamos que isso nunca  
ia acontecer!

# Vilson Roque Bocca

Sinop-MT

## O Valor do Silêncio

Há muito falatório pelo mundo  
Que nem de longe me apraz  
Quem grita e fala muito  
Faz pouco, ou nada faz

Sem dúvidas muita falação  
Reflete um proceder jumêncio  
Quem joga pérolas aos porcos  
Desconhece o valor do silêncio

Tem de haver muita prudência  
E sempre gravado na mente  
Às vezes ficar em silêncio  
Não significa que tudo consente

É preciso fazer como as abelhas  
No interior de suas colmeias  
Somente zumbem o necessário  
Para colocar em pratica as ideias

Deus pai ao criar o mundo  
Somente falou o necessário  
Até Jesus Cristo na hora da morte  
Em silêncio enfrentou o calvário

Deu o mais perfeito exemplo  
Tinha um objetivo traçado  
Mesmo em meio às ofensas  
Sua missão cumpriu calado

Para quem tem sabedoria  
Refrear a língua é decoro

Sabe que falar é prata  
Mas que o calar é ouro

Aprendi valorizar o silêncio  
Falo pouco, mas não me calo  
Sigo o ditado popular  
Não dou bom dia pra cavalo.

## **Rua Deserta**

Mais um dia de isolamento social.  
Da porta da minha casa,  
eu olho a rua deserta.  
Suspense no ar, expectativa,  
incômoda desconfiança...  
Uma sensação estranha circula pela rua  
sem carros, sem gente...  
É estranho. Muito estranho...  
a natureza continua circulando,  
o sol continua brilhando,  
o vento continua soprando,  
as nuvens, continuam "passeando",  
a chuva continua caindo,  
os pássaros continuam voando...  
Tudo parece normal.  
Mas há algo invisível, silencioso...  
Sair de casa, quase uma transgressão.  
O vírus parece estar logo ali,  
na próxima esquina, à espera...  
Há um medo inexplicável me rondando...  
As informações chegam, desencontradas.  
Vou tentando levar a vida, normalmente,  
até a normalidade voltar...!

**Elaine C. S. M. Silva**

Sinop-MT

### **Encoronausurados**

A era da tecnologia  
Era o que mais se pedia  
Quietinho no meu lugar  
Eu e meu celular

Pedido atendido...  
Cala-te e navegue!  
Ficou sem sentido?  
Admita! Não negue!

Inimigo invisível  
É somente um vírus  
Situação indescritível  
Quer uma luz?  
A que isso induz?

Resignação?  
Reflexão?  
Conexão?  
Coroação?

Coroação não!!!  
Significado tão majestoso  
Agora pavoroso

Enclausurados  
Levados ao desejado  
Frustrados,

Amedrontados,  
Desconectados

Desconectados do abraço,  
aperto de mão  
Dos afazeres tão simples  
Da tediosa reunião

Ah! Prefiro abraçar,  
conversar,  
trabalhar  
Tem como deixar o celular??

Tediosa lição!  
É pra valorizar a vida a relação?  
Aquilatar meu trabalho?  
Estar em oração?

Oração pelo atingido  
Pelo que socorre  
Pelo sofrido  
Pelo que corre  
Pelo tempo perdido  
Pelo que sofre por um ente querido

Acorda meu irmão!!  
É tempo de preparação!  
Para o que?  
Para o tempo do fim?

Ah! Senhor eis a minha petição...  
Cuida dessa nação  
E tem misericórdia de mim.



## **Darcília Lebron**

Lucas do Rio Verde - MT

### **Caterpillar**

Primeiro, ...

Lagarta faminta de conhecimentos.

Depois casulo,

Incubadora de ideias famigeradas,

Formigantes e latentes.

Pretensão de ser borboleta

Esticando as asas frágeis aos ventos incertos

das diferentes estações da vida,

Preparando para alçar voo.

... e descobre-se de novo lagarta,

Novamente casulo e borboleta.

Algumas vezes, somente lagarta...

Outras, lagarta e casulo.

Jamais borboleta.

E outras tantas mais: Lagarta, lagarta,

lagarta.

Lagarta, casulo.

Lagarta, casulo, e por fim, algumas vezes,  
borboleta

Entre milhares de metamorfoses constantes

Lancinantes, cortantes, febris, hostis,  
vibrantes, extenuantes

Esperançosas, forçosas, viçosas, glamorosas,  
viris e fervorosas.

Um arrasta, estica, ingere, digere, dobra,  
enrola e desenrola, sem fim

em um morre e renasce de ideias e desejos,  
nascimentos e cortejos.

Num sacia e anseia por mais, enfim...

Nessa Metamorfose imperfeita, morféctica e  
maravilhosa do aprendizado da vida,

Do ser e do não ser, do saber e do  
desconhecer,

Do gerar e do esperar por fim o filho, o porvir  
do novo sol para ser mais uma vez...

Lagarta, casulo, borboleta.

## **Cinzas? Não somente...**

Ainda existem dias cinzas como London...  
Dias de inverno, pra se enroscar como um  
tatu-bola e deixar o tempo passar  
Ou ainda voltar pro casulo e esperar por  
alguma transformação.

Ainda existem dias de outono como London no  
meu coração

Dias em que as árvores estão peladas, sem  
sequer uma simples folha verde de esperança.

..., mas certo é;

Que o ano, não é feito só de duas estações  
por aqui.

Não onde eu moro:

Esta casa do sol nascente, onde arde intenso  
o desejo do melhor,

Do porvir que aquece, esse coração crescente,  
Caliente, tropical,

Este coração maracas, tamborim, bandolim e  
violão.

Este coração que samba, que é bamba

Que desafina e afina,

Que se desfaz e se refaz, ao se lembrar de  
uma canção, de um cheiro,

De um tempo que ainda não foi, mas pode  
ser.

... não cinzas, nem cremação.

— Vida!

— Vida!

Grita a voz e o violão.

# **Bernadete Crecêncio Laurindo**

Sinop-MT

## **PÁSCOA DE 2020**

Mais um fim de tarde...

Não de uma tarde qualquer; é o fim de uma tarde de domingo. Não de um domingo qualquer; de um domingo de Páscoa.

Não de uma Páscoa como todas as outras...

Uma Páscoa diferente, como nenhuma outra das que passaram pela minha vida, e pelas quais eu passei.

Foi uma Páscoa única; de almoço silencioso, a dois; sem o costumeiro barulho - alegre e buliçoso pela casa. Sem ruídos de cadeiras se ajeitando ao redor da mesa, sem risadas, sem oposição de opiniões pessoais, sem o tilintar alegre de talheres, taças e copos; sem a mesa grande, imensa, povoada de alegria e conversas atravessadas e ao mesmo tempo; sem o farfalhar abrindo ovos de chocolate, passeando em cestas de páscoa, pela casa...

Uma Páscoa única!

Páscoa de 2020. Diferente, única. De nostalgia, talvez; mas não triste.

Páscoa da espera.

Páscoa em compasso de espera.

Páscoa da paciência.

Páscoa em que a reflexão se fez oportuna, o silêncio trouxe vontade de elevar a voz ao Céu, e a solidão aproximou pessoas.

Páscoa de 2020.

Única.

Diferente, mas a Paz se fez presente.

**Amanda Lima**

Sinop-MT

## **Humano, imortal humano**

A vida nunca dá trégua  
Não espera por ninguém,  
Cada um tem o seu tempo  
Para usar como convém  
Não dá pra recuperar,  
Tempo não tem pra comprar  
Aprenda a usá-lo bem.  
Como seria a vida  
Se você fosse mortal?  
Se o amanhã não viesse?  
Se a morte fosse real?  
Como você agiria?  
Certamente amaria  
Muito mais do que o normal.

## **Para uma deusa doce**

Um bar de poesias.

Um lar de cortesia.

O mar e a maresia.

Numa noite de orgia

ela entregou-se ao mundo. Ela entregou-se,  
deu-se.

Deusa.

Deu-se ao deus Dionísio.

Ela deu-se.

Ela é dada.

Ela é fácil.

Já tem muita gente difícil nesse mundo.

Difícil de aturar, difícil de engolir, gente  
amarga.

Ela é doce.

**Valter Figueira**  
Carlinda-MT

### **As quatro enxadas**

Zé estava ciente que tinha que sair de casa mais cedo possível para procurar serviço. Irritado, não é de agora que o mundo vem prevendo uma escassez. O plantio de café está acabando. Culpa de quem? Do governo que não cuida desse povo miserável que passa fome? E por falar em fome sua reserva de mantimentos está no fim. Ainda bem que a mulher tem leite nos peitos para dar sustento ao guri. Mas se ela não comer o leite acaba. Logo agora que tem um pequeno de três meses em casa o patrão resolve trocar o cafezal por pasto. Não vai ter lugar para todos, disse ele, e então foi dispensado. Dispensou todos. Só a família do dono dava conta de cuidar do gado.

Ainda bem que o compadre João emprestou meia-água nos fundos para passar uns tempos. Quem sabe Zé vire boia-fria e suba no primeiro caminhão que aparecer na vila. Mas lá também estão dispensando



trabalhadores. Os seus pertences são poucos. O de mais valia era o berço do neném, não é novo foi oferecido por uma família amiga, não teria mais serventia, as crianças cresceram.

Há uma informação que na fazenda do Sr. Fabriciano, uma boa caminhada da vila, estão precisando de uma família para serviços de enxadas. Zé foi, saiu antes do sol apontar no horizonte. Levava no embornal uma marmita com pouca coisa: mandioca cozida, arroz e dois ovos fritos, acredita que não dá tempo de voltar até a hora do almoço. Água não levou, deve ter riacho pelo caminho. E depois o povo da roça nunca nega água para quem tem sede. Foi caminhando, cruzando estradas e trilhas. Cafezais e pastos, estes muitos maiores, aqueles já se acabando. Dá dó ver os cafezais morrendo. Já vai longe o tempo da fartura do café quando tinha serviço para todos. Ou melhor, todos que tinham coragem de trabalhar. Chorar não é bom, trabalhar é preciso para se viver e serviço terá. Chegando na fazenda foi logo questionando pelo Fabriciano, procura daqui, descansa dali, refresca ademais na sombra duma mangueira. Que bom se a vida fosse só sombra e água

fresca. Até que enfim a entrevista com o Sr. Fabriciano, homem bom, matuto, mineiro de Uberaba, distante de um fazendeiro arrogante e cheio de si. Rico sim, mas trabalha na roça com os subordinados. O homem é bom, está disposto a empregar. A primeira pergunta de Fabriciano para o Zé foi: Quantas enxadas o Sr. tem? Prontamente e sem titubear, na lata, o Zé respondeu: Quatro! No que diante da resposta o Sr. Fabriciano disse ao Zé que poderia ocupar uma casa da colônia, a última na beira do cafezal está vaga.

Zé, todo faceiro mudou no Domingo. Vai trabalhar, ganhar dinheiro, dar sustento para a família e talvez sobre dinheiro para substituir sua botina rota, já rasgando. Teve cuidado especial com as enxadas, amolou-as, passou lixa e vela nos cabos.

Na segunda-feira esperava as ordens, chega o Sr. Fabriciano a cavalo. Cavalo branco, chapéu marrom, esporas prateadas, agora parece mais com fazendeiro, garboso, cheiro de si. Foi logo perguntando pela família. Zé orgulhoso, mostra porta da casa, lá estava a mulher com o guri no colo. Fabriciano não acredita que houve um mal-entendido. Olha

para o outro lado da parede e lá estão quatro enxadas prontas para o trabalho. Esse pessoal da cidade não entende, resmungou Fabriciano, quando voltava com as ordens já encomendadas ao Zé. Será que Fabriciano, o mineiro em terra Paranaense falou *mineirês*? Quando perguntou ao então candidato a emprego quantas enxadas tinha na família, ele na verdade queria dizer, quantas pessoas estão aptas a trabalhar, e não o número de ferramentas.

O Zé continuou trabalhando sem saber do engano que cometera. O fazendeiro, com gestos de matuto, entendeu que o Zé não mentiu e nem enganou, queria serviço e teve serviço. Fabriciano resmungou consigo mesmo: Um dia ele descobrirá o engano.

**Janete Rosa da Fonseca**  
**Aquidauana- Mato Grosso do Sul**

**A menina triste, sem laço de fita**

O ano era 1970, a casa simples na pequena cidade, abrigava um jovem casal e sua pequena filha de cinco anos de idade. O casamento fragilizado pelas inúmeras crises conjugais, já durava onze anos, destes, seis anos foram dedicados a tentativa de ver a família aumentar. Depois de muita espera, lograram êxito, mas a alegria da espera transformou-se em mais um problema na vida do jovem casal, não era um rebento, não era um varão, um garotão, era uma menina, de pele muito branca e grandes olhos castanhos, porém, uma menina. Voltemos ao ano de 1970, Jack, a menina de pele muito branca e grandes olhos castanhos, já com cinco anos, passa seus dias na pequena casa, buscando por algo que não sabe exatamente o que é, mas que sabe que lhe falta.

Seus dias se resumem a uma grande e perversa solidão, ao lado da mãe, que igual a ela, vive tão só e reclusa. O pai, martirizado pela decepção que carrega desde o nascimento

de sua única filha, não consegue se aproximar de Jack. O rádio com o a narração de um jogo de futebol, as ferramentas jogadas em um canto do pátio de terra, caprichosamente limpo aos domingos pelo pai, eram o limite da aproximação entre Jack e seu pai. Ou às vezes que, ao irromper em uma fúria que Jack, nunca entendeu o porquê, o pai lhe ameaçava com o cinto, e sua mãe, nesses momentos, conseguia sair de seu mundo de tristeza e defender sua única filha, na verdade até hoje não se sabe do que mais, além das ameaças de castigo físico.

Mas o tempo passou e Jack foi para a Escola, e como todos sabemos, a Escola é o local de socialização secundária, já que a socialização primária deve acontecer na família. Na família? Eram somente três pessoas que compunham a família de Jack, mas não existiam laços que promovessem nenhum tipo de socialização. Afinal, não era ela, não era Jack quem o pai esperava, ali não era seu lugar. Mas Jack descobriu que na Escola também não era seu lugar, na década de 1970, se praticava *bullyng*, mas não se utilizada ainda o termo e Jack, já não era mais o bebê de pele muito clara e grandes olhos castanhos era uma

menina magricela e feia, segundo a descrição de sua mãe, de cabelos maltratados e grandes olhos castanhos.

A escola lhe impôs a mesma solidão e isolamento de sua casa. Mas lhe trouxe algumas descobertas, descobriu o que faltava, ou pelo menos parte do que lhe faltava. Em sua solidão costumava sonhar que era uma criança muito amada! Que todos a viam, sentavam e ouviam suas histórias. Que afagavam seus cabelos, e a defendiam daqueles que riam dela

Mas estava sozinha, ninguém ouviu sua descoberta. Então voltou a mergulhar em sua solidão. E Jack cresceu e crescendo continuava a querer o que nunca teve, algumas coisas sabia o que era, outras não e por não saber o que era começou a substituir por coisas que não lhe faziam bem, ao contrário, trariam ainda mais dor. Não deveria fazer barulho, não deveria rir alto e nem falar durante as refeições, sempre lhe sentenciará o pai.

O tempo passou, Jack tornou-se adulta, os livros a acolheram, encontrou amor em outras pessoas, mas, as tardes de domingo, o jogo de futebol narrado pelo rádio, a limpeza do pátio e a eterna sensação de que algo

faltava, continuavam ali. Um mundo cinzento de mentiras e sucessivos erros na tentativa de não repetir a ninguém o que haviam imposto a ela no passado, desabou sobre Jack, teria seu pai finalmente razão? Seus questionamentos giravam sempre em torno de:

Deveria realmente estar aqui? Seria realmente um erro seu nascimento?

Rejeitada desde a sala de parto, em seu nascimento, vítima de *bullyng* da infância a adolescência, por toda a Escola, colegas e professores, haja vista que ninguém se furtava de deixar claro seu desprezo por Jack, finalmente, duas pílulas coloridas a entenderam, Jack ainda é triste, mas enfim criou laços.

## **Simone de Sousa Naedzold**

Sinop-MT

### **O encantador de borboletas VII**

Numa pequena cidade do interior de Santa Catarina, em março de 1973, nasce a mãe de Júlio, dona Enomis. Ela era a quinta irmã de uma família de sete filhos. Eram mulheres a primeira, a quarta, a quinta que era Enomis, a sexta e a sétima. Eram homens o segundo e o terceiro.

A família de Enomis era muito pobre e precisava trabalhar na roça desde cedo para poder ter o que comer. Havia também a atividade da pesca que auxiliava muito. Desde pequena, Enomis sabia que era diferente. Que seu mundo seria mais que trabalhar na roça e pescar. Gostava dos livros. Queria ser escritora. Escrever sobre as coisas simples da vida que ela não encontrava nos grandes romances. Alguns até faziam um ensaio, Guimarães Rosa, Graciliano Ramos, Aluísio Azevedo, por exemplo, mas não era a leitura



que ela buscava, por isso ela mesmo queria escrever, porque sentia que outras pessoas no mundo poderiam pensar igual e escreveria para essas pessoas.

Aprendeu a ler aos sete anos de idade. A professora Anira foi quem a ensinou. Pouco trabalho teve a professora, porque Enomis era muito esperta e passava horas repetindo o que a professora lhe ensinava. Os grandes romances da literatura brasileira, pegou-os na prateleira da Escola em que estudava. A princípio nem soletrava direito, mas, no segundo ano, já estava mais fácil. Conseguia ler e interpretar com mais qualidade e sabia que aquele não era o seu lugar no mundo.

Enomis vivia sonhando com as aventuras de Narizinho, personagem de Monteiro Lobato que havia lido em um livro que encontrou na Escola. Neste livro faltava as últimas páginas e, por isso, ela, a cada vez que lia, inventava novos finais. A maioria dos livros não estavam completos, por ser uma Escola

Rural, os livros que chegavam já eram descartes de Escolas Urbanas, por isso o estado deteriorado dos mesmos.

Não havia como compartilhar seus pensamentos com os colegas de turma multisseriada, porque não estavam alfabetizados, por mais que alguns fossem mais velhos e muito menos com os irmãos, que, por serem mais velhos, sempre estavam trabalhando na roça arrancando, carpindo o mato que crescia ao redor das plantas ou plantando mandioca, às vezes, milho, amendoim, batata, para consumo próprio ou pescando siri, camarão, tainha, atividade intensificada de novembro a março. O jeito era ler para as duas irmãs mais novas, um bebê e outra de seis anos. Mas não era só ler, Enomis fazia gestos, representava, cantava, escrevia com carvão na parede e quando o dia terminava, precisava lavar as paredes e desfazer a sua escrita. Somente o pensamento era livre.

# Vânia Gonçalves Castilho

Cuiabá-MT

## **IDENTIDADE**

Uma palavra identidade muitos significados,  
quantas implicações...

Uma palavra identidade minha definição ou  
minha descomposição...

Uma palavra identidade aquilo que sou ou  
aquilo que nego...

Uma palavra identidade meu orgulho ou  
minha vergonha...

Uma palavra identidade meu orgulho ou  
minha negação...

Uma palavra identidade minha força ou meu  
medo...

Uma palavra identidade minha história ou  
minha invisibilidade...

Uma palavra identidade minha etnia ou minha  
ideologia de branqueamento...

Uma palavra identidade minha liberdade ou  
minha escravidão...

Uma palavra identidade meu direito ou as  
injustiças impostas...

Uma palavra identidade igualdade ou desigualdade...

Uma palavra identidade capacidade ou sobrevivência...

Uma palavra identidade realidade ou estatística...

Uma palavra identidade justiça cega ou justiça com as próprias mãos...

Uma palavra identidade aquilo que me define ou que sou definido...

Uma palavra identidade superação ou consequências...

Uma palavra identidade evolução ou involução...

Uma palavra identidade paz ou guerra...

Uma palavra identidade amor ou ódio...

## **DESILUSÃO**

A vida nos ensina...

A viver e aceitar quem somos sem levar em conta como vivemos

Como sofremos até compreender que somos autores da própria história mesmo que esta seja

Escrita e formatada por outros.

A viver de destruições e recomeços a cada reconstrução uma certeza não somos mais os

Mesmos, precisamos desconstruir para reconstruir e isso requer dor e sofrimento para enfim

Chegar a evolução.

A viver sabendo que nada é eterno, ninguém pertence a ninguém e todos nós pertencemos,

Uns aos outros uns mais outros menos não importa e sim o quanto provocamos no outro sua

Evolução ou sua degradação.

A viver sabendo que o que fizeram de mim não me isenta daquilo que sou hoje e que somos os

Únicos responsáveis por aquilo que fazemos  
sem atribuir nada ao outro independente do  
grau

De parentesco.

A viver sabendo que poderia aventurar mais e  
viver mais se não fosse a escolha de viver

Lamentando e atribuindo ao outro aquilo que  
não sou, sou exatamente aquilo que decido  
ser e

Não cabe ao outro, minha decisão.

A viver com minhas escolhas, com minha  
família, meu trabalho, meus relacionamentos,  
sejam

Eles quais forem, sou livre para definir minhas  
escolhas, mas sou responsável por conviver

Com minhas decisões e vou arcar com tais  
consequências sem atribuí-las a quem quer  
que seja.

A viver sabendo que as decepções  
pertencentes à vida me fazem crescer, me  
desiludir implica

Em me encontra no mundo e ser de fato  
aquilo que deveria ser no processo evolutivo.

# Emily Maiara Versori Guimarães

Sinop-MT

## Os últimos dragões<sup>2</sup>

Depois de tudo que Azulino passou ele foi para o céu e seu rabo gigante fazia brilhar o arco-íris, isso nós sabemos, mas o que muitos não sabem e inclusive Azulino, é que ele não foi o único dragão a passar por isso.

Em outro lugar isso também aconteceu, porém era um dragão fêmea e suas irmãs. Azulino só descobriu isso na primeira chuva onde pela primeira vez seu rabo iria brilhar o arco-íris, mas como isso aconteceu?

Quando a chuva começou a cair, Azulino foi correndo, então, o arco-íris brilhou intensamente.

---

<sup>2</sup> Conto criado a partir da leitura do conto, O Bom Dragão, de Santiago Vilela Marques, durante as aulas de Língua Portuguesa/ professora: Jacinaila Ferreira. Escola Estadual Professora Zeni Vieira/Sinop-MT.

— Hum, algo tocou meu rabo! O que é isso?

Sou eu, prazer, me chamo Rosinha, sou a dragão feminina.

De onde você veio, eu não sou o último dragão?

Eu sou sua vizinha moro aqui ao lado o que aconteceu com você também aconteceu comigo, e sim você é o último dragão, porém masculino eu sou feminina.

— Interessante! Oi sou Azulino, prazer. Mas porque seu rabo se encosta no meu?

— Ué você não sabe?

— Não! O que? Eu deveria saber?

— Sim, para arco-íris brilhar nossos rabos tem que estar juntos, se não a magia não acontece.

Azulino ficou pensativo, mas concordou já que não tinha outra opção, pois isso não seria ruim, afinal teria então uma amiga para conversar, brincar e se aventurar.



No dia seguinte Azulino pegou Rosinha e lá se foi apresentá-la aos seus amigos. O coelho logo se acolheu nas tocas e perguntou:

— Ela vai queimar minhas orelhinhas?

O sapo atrás das folhas interrogou.

— Ela vai ferver a água da minha lagoa?

As andorinhas em meio aos galhos da árvore logo se pronunciaram:

— Ela vai queimar nossas assas?

Azulino rindo disse:

— Não, ela não vai fazer nada disso, Rosinha é como eu, boa, não se preocupem ela não vai fazer mal a vocês.

Saindo de seus esconderijos os amigos de azulino foram se achegando em Rosinha e logo fizeram amizade. Já era quase noite quando Azulino e Rosinha voltaram para o céu. Enquanto subiam brincando, os amigos de Azulino ficaram olhando e imaginando um romance entre eles, e sim, isso aconteceria.

Dias depois, após uma chuva o criador de dragões estendeu as mãos e quando Azulino e

Rosinha estavam juntos ele lhes deu a benção do amor. Porém como nenhum amor é perfeito, infelizmente eles não poderiam ter filhotes, isso era sagrado, pois eles eram os últimos da espécie, por isso inclusive moravam no céu eles seriam lendários e como símbolo deles ficaria para sempre o arco-íris. Bem, a partir daquele dia Azulino e Rosinha começaram a viver o amor entre eles, era lindo de se ver.

Passando um tempinho chegou o tão esperado dia, o dia do casamento! Convidaram toda bicharada da floresta e celebraram o amor, aproveitando tudo que se tinha direito. Sim nenhum amor é perfeito, mas quando existe carinho, atenção, respeito e a vontade de fazer dar certo, torna-se possível viver os “felizes para sempre”.

E eles viveram os “felizes para sempre”.

## Ireneu Bruno Jaeger

Sinop-MT

### Anseios de uma moçoila

Meu pai tinha a jardineira mais bonita da paróquia. Com direito a veludos vermelhos e cortininhas rendadas nas janelas. Puxada por dois cavalos de raça, lustrados e penteados,

Vieram pedir para ele levar a noiva no dia do casório.

Quando a linda carruagem apareceu perto da capela, pipocaram os foguetes e, como de costume, os rojões preparados com pólvora.

A noiva desceu sorridente sendo amparada pelo cavalheiro de prontidão e um pajem para levantar a cauda do vestido de metro e meio. Estrugiram as palmas, enquanto a beldade ia sendo conduzida até o príncipe.

Mas... sempre tem um mas. Um foguete, talvez mal carregado, soltou uma centelha e pegou fogo o lindo véu da noiva. Muitos acudiram... a mãe da noiva correu e encheu um balde de água e, por via das dúvidas, despejou na filha.

Esta chorou, borrando a maquiagem, e voltou para a jardineira. Meu pai levou-a para casa. Em menos de hora voltou com um lindíssimo vestido de veludo azul. (Era para o baile da noite, pois viam-se pequenos decotes).

E o padre selou o enlace. Os noivos enfim se beijaram.

A família da noiva havia matado um porco e carneado um novilho precoce para que o dia fosse recheado de abundância: linguça à vontade, costelinha de porco, churrasco de carne de primeira etc.

Minha mãe e eu estávamos encarregados de fazer as vinte cucas, metade recheadas e a outra não. Quem veio buscá-las foi o pai. Ele levaria a mãe, para a festança e eu teria que ficar em casa cuidando das coisas. Aí levantei uma choradeira dizendo que também queria ir junto. A mãe interveio: "leva ela, trabalhou tão bonito". Não esqueço da seriedade com que o pai me encarou e fez aquele sermão: " Levo, mas não pode isso nem aquilo" Tive vontade de beijá-lo, mas o receio falou mais alto. E fomos.

Mas que beleza! Quanta gente bacana! Quanto moço alinhado!

A hora do almoço então já queriam ir avançando o senhor pai da noiva pediu calma, para todos rezarem um Pai Nosso por primeiro.

Até que enfim ao assalto. Tudo gostoso: aquelas costelinhas de porco então, que delícia! E o churrasco! Quanta maionese e vidros grandes de beterraba vermelhinhos com ovos inteiros. Pena ter estômago tão pequeno!

Havia bebida à vontade. Os noivos tomaram um copo de vinho (fábrica da casa). Entrelaçaram os copos e os homens exageraram na cerveja. Para as mulheres e crianças tinha gasosa e o tal sangari. (Água com um pouco de vinho e açúcar).

E havia mais as sobremesas: compotas de tudo o que é fruta, o tradicional sagu, pudins com calda... coisa do outro mundo.

De noite o baile. Ali na sala da casa mesmo. Era isso que eu esperava nos meus quinze anos. Um gaitero bigodudo e um violeiro cantor animavam. Finalmente participaria dum baile! Logo começaram a dançar: valsa, xote, rancheira, tango...

Aí veio a dança dos noivos. Belo casal! Fizemos um círculo. Ecoaram vivas.

Então foi a cena hilariante: a noiva jogaria o buquê. As moças se apertaram... Um dois... ainda não, ... agora... um dois e... a Dona Clotilde, coitada, que já beirava os trinta aninhos, projetou o corpo de mau jeito. Devido ao desgoverno da perna esquerda, talvez

prejúncio de algum reumatismo, e também a falta de prática no uso de sapato de salto, ela caiu, não por inteiro, só de joelhos. Entretanto, conseguiu arrebanhar o buquê prestes a cair nas mãos de outra jovem. O sapato acertou um jovem que bebia tranquilamente.

E o baile continuou. A velharada dava show. O pai foi dançar com a mãe. Dançavam bem.

De repente o pai da noiva (vejam só!) me viu ali, sozinha, veio. Fez uma inclinação reverente e: "Não quer tentar? " Era o que eu esperava. Parece que aprendi logo. Sentia-me leve. Depois de duas peças ele gentilmente me levou de volta para o banco e agradeceu. Mas sem demora apareceu um jovem esbelto, cabelo com brilhantina e: "Quer dar o prazer?" Fui pro céu! Eu voava e via o lampião todo volátil, azulzinho, lindo. Que sonho!

# Júlio César Marques de Aquino

Sinop-MT

## **Não se agrada a todos**

O vendedor de vassouras e rodos, passava com suas amostras amontoadas em um dos ombros. Gritava e proclamava a venda de seu pão de cada dia em uma rua deserta. Ele não estava acostumado com o que via. Era comum passar por ali e ver crianças correndo de um lado para outro com seus brinquedos. Homens que se amontoavam a beira das calçadas com seus jogos de cartas, damas e dominó e, mulheres que a tardezinha saiam para conversar em frente as suas portas até o pôr-do-sol, porém, hoje nada. Absolutamente nada. As casas encontravam-se fechadas, com as pessoas em seu interior, amedrontadas. Lá fora, um inimigo invisível parecia mostrar sua cara de forma sorrateira e discreta, mas o desfecho, estava sendo catastrófico. De repente em uma casa, um pedido desesperante:

— Socorro! Socorro! Me ajudem aqui!

O vendedor olha para o lado e avista uma senhora, magra e de cabeleira branca. Aparentava uns 80 anos, presa entre as frestas de um portão tentando ganhar a rua. Notava-se em sua face, uma mistura de espanto e desespero. Parecia que tinha de desejo de sair de casa e não a deixavam. O vendedor a olha e pede que saia das frestas do portão com o risco de ficar entalada e até mesmo machucar-se. Ela o olha e continua tentando concluir a sua façanha. Espreme-se, passa uma perna, um braço, mas, não consegue passar o corpo inteiro.

— Quero sair! Quero sair! Ninguém manda em mim. Muita falta de respeito!

O homem se aproxima do portão. Retira as vassouras e rodos de seus ombros e, começa a interrogar a senhora. Ela, quando vê sua aproximação, volta para o lado do muro em que estava antes da ação e, começa a chorar. Comenta que há dias está “presa” dentro de casa, que não pode ir à feira ou ver suas amigas por causa de um inimigo que falaram que pairava sobre o ar e que se encontrasse idosos nas ruas, poderia adoecê-los e matá-los.



O homem por sua vez, a observa angustiada e escuta atentamente.

— Que me importa! Já vivi o suficiente. Diz a senhora. Quero aproveitar a vida que me resta. Agora me trancam como um animal selvagem.

Por mais que o homem quisesse liberar a senhora, não seria possível. Ninguém estava na casa para que ele pudesse intervir, a não ser a aborrecida mulher com desejo de sair. Sem muito pensar, o homem decide pegar uma vassoura e, com o cabo, força o portão que não resiste e rompe sua fechadura. A senhora sem pensar duas vezes, sai em desabalada carreira para a rua sem mesmo titubear. O homem ainda tenta pegá-la. A agarra, mas, ela luta a todo custo para escapar. Em um momento, o homem pensa que é melhor deixá-la ir. Um filme passa na cabeça dos dois quando estavam agarrados. Cada um, com sua história, no limite que a vida lhes permitiu escrever até aquele momento. A vida mostra através daquele filme mental no cérebro do homem que, ninguém nasceu para ser preso ou viver isolado, mesmo que as circunstâncias

peçam ou permitam. Algum momento, o sonho de liberdade vai gritar no interior do ser.

Vendo a atitude generosa do nobre homem trabalhador naquela rua, muitas senhoras que estavam presas, a partir daquele dia começaram a gritar por seu socorro. Poucas foram atendidas, mas, o homem se imortalizou. Ele foi considerado “Salvador dos indefesos” pelas senhoras daquela rua e “Invasor de privacidade alheia” pelos familiares das senhoras que dias depois decidiram realizar uma ação contra o nobre rapaz que, hoje responde um processo por invasão de privacidade no Fórum da cidade, mas, que dorme com a cabeça tranquila por concluir ter feito o bem.

Não se pode agradar a todos, mas se tenta de alguma forma.

## Manoel Rodrigues Leite

Sinop-MT

### O PÁSSARO AZUL

Qual a cor da felicidade? — Perguntei com muita insistência.

— Por que isso agora, Antônio? Não faço a mínima ideia! — Disse a enfermeira concentrada mais em seus tubos e agulhas do que na pessoa que estava a sua frente.

— Com certeza não é vermelho! — Falou o Jeferson, paciente conhecido de longas datas, que dividia o espaço do ambulatório comigo, naquela ocasião e em tantas outras.

— Não sei a cor, mas branco é que não é! Me lembra hospital, se branco representa a paz, não é para as pessoas internadas nos hospitais. Branco me lembra remédio, injeção, quimioterapia e principalmente, solidão. — Sentenciou a Delourdes, uma outra paciente que estava lutando assim como nós para se livrar do câncer. Só que no caso dela o câncer

insistia em não a deixar, geralmente reaparecia como se estivesse com saudade e só iria definitivamente embora quando ela fosse junto. Mas mesmo assim a luta continuava.

— Eu acho que é rosa, eu gosto de rosa.

— Finalmente falou a enfermeira, talvez apenas para dar fim àquele arco-íris de indagações que não chegaria a lugar algum, e continuou. — Desde criança eu gosto de rosa, o meu sonho era ter tudo rosa, e quando meus pais queriam me deixar feliz me presenteavam com algo rosa.

Fiquei lembrando a minha infância e certamente rosa não a representava. Viajei tanto, que me esqueci dos últimos anos de tratamento constante, e quase nem percebi a enfermeira dizendo.

— Antônio está liberado! Aguarde na sala de espera, para falar com o doutor.

Obrigado! — Agradei e saí sem muita pressa, torcendo para que aquele momento fosse uma despedida dos meus colegas de

exame. E, sonhava eu eles também o fizessem em breve, não por terem perdido a batalha, e sim por desejar que o câncer transformasse apenas em lembrança, e cada vez mais de um passado distante.

Na sala de espera via emoções estampadas nos rostos e atitudes das pessoas que ali circulavam. Porém, a cor da felicidade não saía da minha mente. Havia lido alguns dias um livro que citava um tal Pássaro Azul da Felicidade, não me lembro bem o livro, pois esse era um prazer que eu havia retomado. E, como todo prazer livre não carece de anotações ou apontamentos. Só que aquela frase insistia em jogar pingue-pongue com os meus pensamentos. Só fui interrompido quando chamaram o meu nome para a consulta a tanto aguardada.

— Não farei rodeios, o que eu tenho a falar é meus parabéns! Nós conseguimos, hoje você está curado do câncer. A partir de agora não é mais remissão.

O médico falou muitas coisas, cuidados, recomendações, brincadeiras e muitas outras coisas. Não lembro do que exatamente tratava, sei apenas que foi muita coisa, pois os lábios dele mexiam, e eram esses os assuntos. Já que sempre eram as mesmas recomendações e quando muito as mesmas piadas. Me sintonizei quando ele perguntou:

— E aí Antônio, o que vai fazer agora?

— Vou procurar o pássaro azul. — Falei sem pensar muito.

— Isso é bom, a natureza e as causas ecológicas fazem bem. — Acredito que ele pensara que eu iria me tornar um ecologista, fundar uma ONG, ou lutar pelas ararinhas azuis. Simplesmente pus-me a agradecer e despedir, a euforia tomava conta e eu precisava de espaço.

# **ANTOLOGIA DE ESCRITORES CONTEMPORÂNEOS**

Cada mês uma nova História, somos muitos espalhados em viagens encantadoras. O objetivo é ajudar você a dar o primeiro passo, ou se você já faz parte deste universo, juntar-se a nós, e ser parte deste sonho que navega por mares profundos das letras.

Participe!  
A História acontece...

WhatsApp (66) 99643-5501  
*Ações Literárias*



**EDITORA**

**EDITORA AÇÕES LITERÁRIAS**  
**CAIXA POSTAL 785 – SINOP- 78.551-350**  
**FONE (66) 9 9643-5501**  
**[www.escritorescontemporaneos.com.br](http://www.escritorescontemporaneos.com.br)**